

EDITORIAL

POR QUE FAÇO E NÃO PUBLICO? Parte 1

Eneida Rejane RABELO^a

A literatura científica está explodindo em quantidade e qualidade, elevando o número de publicações que chegam aos revisores dos principais periódicos. A produção de conhecimento e a divulgação do que é produzido é obrigação de pesquisadores comprometidos com a evolução da ciência e, principalmente, com o crescimento da sua área de especialidade.

Em contrapartida, a publicação de resultados de pesquisa ainda está muito aquém do total que de fato é produzido. Seguramente se produz mais do que se publica. Mas, então, por que fazemos pesquisa e não divulgamos? A resposta para essa pergunta pode ser: **depende**. Depende de **nós, pesquisadores**, ou depende **das revistas** que rejeitam nossos artigos, embora eu tenha uma forte tendência a acreditar que dependa **muito mais de nós!**

Dentre as razões pelas quais não conseguimos escrever o que produzimos destacam-se a dificuldade de redação, os resultados negativos e os achados que não acrescentam nada novo ou relevante ao conhecimento contemporâneo sobre o tema. Somadas a isso, na categoria pessoal, as razões apontadas são a falta de tempo, de organização, de disciplina e, principalmente, de experiência.

Os pesquisadores devem escrever de acordo com os padrões exigidos pela ciência; contudo, nem todos dominam a linguagem científica. Muitos editores indicam a **falta de estilo** como principal motivo para recusa de artigos enviados por cientistas dos países em desenvolvimento⁽¹⁾. As principais revistas de enfermagem do Brasil, todas com inserção internacional, registraram no ano de 2009 taxas de recusa de artigos que variam de 35 a 76%. A interpretação dessas taxas confirma que muitos pesquisadores apresentam deficiência na linguagem científica.

A literatura apresenta uma regra básica, a qual recomenda que nunca se deve terminar um estudo para só depois sentar e escrever o *paper*⁽²⁾. Apesar de parecer paradoxal, talvez seja mesmo importante escrever o artigo durante o processo de desenvolvimento da pesquisa, a fim de manter o entusiasmo e evitar a contaminação de um possível resultado negativo ao final do estudo.

Um físico chamado Faraday disse certa vez: “Trabalhar; terminar; publicar”⁽³⁾. Se você começou e não terminou, por que começou? Se terminou e não publicou, por que você começou?

Pois bem: comece por você, entendendo, principalmente, que é fundamental ter atração e interesse pelo tema. Atente para a questão de pesquisa: essa deve ser **factível, interessante, nova** (ou que questione o que já se sabe ou existe), **ética e relevante** (ao conhecimento e à ciência)⁽⁴⁾. Recentemente autores definiram que os revisores exigem de um artigo enviado para publicação três critérios: relevância, originalidade e validade científica. Além disso, o artigo deve ser claro e bem escrito⁽⁵⁾.

Alie-se a um grupo produtivo que **exija** produção e subsequente publicação. Invista em você: domine a literatura e o inglês; tenha a disciplina como palavra de ordem no seu dia-a-dia; seja organizado e defina uma prioridade em todas as suas atribuições; seja persistente, ambicioso e curioso, adjetivos estimados em todo bom pesquisador.

Na redação do texto, vale lembrar que tanto a forma como o conteúdo são importantes. É impossível transmitir-se uma informação relevante e pertinente se esta não estiver bem apresentada. Contudo, uma excelente apresentação não substitui experimentos mal planejados, resultados duvidosos ou uma argumentação não convincente⁽⁶⁾.

Na parte 2 deste editorial você encontrará algumas sugestões importantes para melhorar a sua redação. A leitura das referências que embasam esse e o próximo editorial trazem mais detalhes sobre redação científica e eu as recomendo.

As leituras dos artigos desta edição que contemplam diversas áreas do conhecimento como: saúde da criança, do adolescente, da mulher, do adulto e do idoso, saúde mental e gerenciamento, também devem servir de estímulo e modelo para uma redação científica adequada à temática em estudo.

REFERÊNCIAS

- 1 Valenti WC. Cientistas também precisam ter estilo. J Cons Reg Biol. 1998;49:7.
- 2 Van Way III CW. Writing a scientific paper. Nutr Clin Pract. 2007;22(6):636-40.
- 3 Michael Faraday [Internet]. [S.l.]: Wikipedia; 2010 [citado 2010 set 06]. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Michael_Faraday.
- 4 Huley S, Cummings S. Delineando a pesquisa clínica. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2008.
- 5 Davidson AJ, Carlin JB. What a reviewer wants. Paediatr Anaesth. 2008;18(12):1149-56.
- 6 Abrahamsohn PA. Redação científica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2004.

^a Professora Adjunta da Escola de Enfermagem e dos Programas de Pós-Graduação em Enfermagem e Ciências Cardiovasculares: Cardiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

EDITORIAL

¿POR QUÉ LO HAGO Y NO LO PUBLICO? PARTE 1

Eneida Rejane RABELO^a

La literatura científica está explotando en cantidad y calidad, elevando el número de publicaciones que llegan a los revisores de los principales periódicos. La producción de conocimiento y la divulgación de lo que se produce es obligación de investigadores comprometidos con la evolución de la ciencia y, principalmente, con el crecimiento de su área de especialidad.

*En contrapartida, la publicación de resultados de investigación aún está muy por debajo del total que de hecho se produce. Seguramente se produce más de lo que se publica. Pero, entonces, ¿por qué hacemos investigación y no la divulgamos? La respuesta para esta pregunta puede ser: **depende**. Depende de **nosotros, investigadores**, o depende de **las revistas** que rechazan nuestros artículos, aunque tenga una fuerte tendencia a creer que dependa **mucho más de nosotros!***

Entre las razones por las cuales no conseguimos escribir lo que producimos se destacan la dificultad de redacción, los resultados negativos y los hallazgos que no añaden nada nuevo o relevante al conocimiento contemporáneo sobre el tema. Sumadas a esto, en la categoría personal, las razones apuntadas son la falta de tiempo, de organización, de disciplina y, principalmente, de experiencia.

*Los investigadores deben escribir de acuerdo con los patrones exigidos por la ciencia; con todo, no todos dominan el lenguaje científico. Muchos editores indican la **falta de estilo** como principal motivo para el rechazo de artículos enviados por científicos de los países en desarrollo⁽¹⁾. Las principales revistas de enfermería de Brasil, todas con inserción internacional, registraron el año de 2009 tasas de rechazo de artículos que varían de 35 a 76%. La interpretación de estas tasas confirma que muchos investigadores presentan deficiencia en el lenguaje científico.*

La literatura presenta una regla básica, la cual recomienda que nunca se debe terminar un estudio para solo después sentarse a escribir el paper⁽²⁾. A pesar de parecer una paradoja, tal vez sea realmente importante escribir el artículo durante el proceso de desarrollo de la investigación, a fin de mantener el entusiasmo y evitar la contaminación de un posible resultado negativo al final del estudio.

Un físico llamado Faraday dijo cierta vez: "Trabajar; terminar; publicar"⁽³⁾. Si comenzó y no terminó, ¿por qué comenzó? Si terminó y no publicó, ¿por qué comenzó?

*Pues entonces: comience por usted, entendiendo, principalmente, que es fundamental tener atracción e interés por el tema. Atente para la cuestión de investigación: esa debe ser **factible, interesante, nueva** (o que cuestione lo que ya se sabe o existe), **ética y relevante** (al conocimiento y a la ciencia)⁽⁴⁾. Recientemente autores definieron que los revisores exigen de un artículo enviado para publicación tres criterios: relevancia, originalidad y validez científica. Además, el artículo debe ser claro y estar bien escrito⁽⁵⁾.*

*Alíese a un grupo productivo que **exija** producción y subsecuente publicación. Invierta en usted: domine la literatura y el inglés; tenga la disciplina como palabra de orden en su día a día; sea organizado y defina una prioridad en todas sus atribuciones; sea persistente, ambicioso y curioso, adjetivos estimados en todo buen investigador.*

En la redacción del texto, vale recordar que tanto la forma como el contenido son importantes. Es imposible transmitir una información relevante y pertinente si ésta no está bien presentada. Con todo, una excelente presentación no sustituye experimentos mal planificados, resultados dudosos o una argumentación poco convincente⁽⁶⁾.

En la parte 2 de este editorial encontrará algunas sugerencias importantes para mejorar su redacción. La lectura de las referencias que basan este y el próximo editorial traen más detalles sobre redacción científica y las recomiendo.

Las lecturas de los artículos de esta edición que contemplan diversas áreas del conocimiento como: salud del niño, del adolescente, de la mujer, del adulto y del anciano, salud mental y gerencia, también deben servir de estímulo y modelo para una redacción científica adecuada a la temática en estudio.

REFERENCIAS

- 1 Valenti WC. Cientistas também precisam ter estilo. J Cons Reg Biol. 1998;49:7.
- 2 Van Way III CW. Writing a scientific paper. Nutr Clin Pract. 2007;22(6):636-40.
- 3 Michael Faraday [Internet]. [S.l.]: Wikipedia; 2010 [citado 2010 set 06]. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Michael_Faraday.
- 4 Huley S, Cummings S. Delineando a pesquisa clínica. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2008.
- 5 Davidson AJ, Carlin JB. What a reviewer wants. Paediatr Anaesth. 2008;18(12):1149-56.
- 6 Abrahamssohn PA. Redação científica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2004.

^a Profesora Adjunta de la Escuela de Enfermería y de los Programas de Post Graduación de la Universidad Federal de *Rio Grande do Sul* (Escuela de Enfermería y Ciencias Cardiovasculares: Cardiología de la Facultad de Medicina). Coordinadora de la Clínica de Insuficiencia Cardíaca del Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

EDITORIAL**WHY DO I PRODUCE AND DO NOT PUBLISH? PART I**Eneida Rejane RABELO^a

Scientific literature has been experiencing an eruption of quantity and quality, provoking a raise in the number of publications that reach reviewers of the main periodicals. Both knowledge production and dissemination of what is being produced are obligations of a researcher committed to the evolution of science and, particularly, to the growth of his field of specificity.

Conversely, the publication of research results still falls far short of what is actually produced. Surely, the amount of production is much larger than the amount of publication. But why do we research and do not publish? The answer to this question may be the following: it depends. It depends on us, researchers; it depends on the periodicals' refusal to publish our papers - although I have a strong tendency to believe that it actually depends much more on us!

Among the reasons why we do not write about what we produce, I wish to highlight writing difficulties, negative results, and findings that do not add anything new or relevant to the current knowledge about that theme. In addition, included in the personal category, the reasons pointed out are usually lack of time, organization, discipline and, particularly, experience.

Researchers should write in accordance with patterns required by science; yet, not all researchers master scientific language. Many editors point out the lack of style as the main reason for rejecting articles submitted by scientists from developing countries⁽¹⁾. The main Brazilian nursing periodicals, all with international insertion, registered rates of article rejection that range from 35% to 76% in 2009. The interpretation of these rates confirms that many researchers demonstrate deficiencies in using scientific language.

Literature poses a basic rule which recommends that one should never sit down to write a paper only after having finished a study⁽²⁾. Although it seems paradoxical, it may be really important to write down an article while you are still developing the research, in order to keep the enthusiasm and avoid contamination with a possible negative result at the end of the study.

A physicist named Faraday once said: "Work; finish; publish"⁽³⁾. If you started a work and did not finish it, why did you even start it?

Well, you should start by understanding that it is fundamental to be attracted and interested in the theme of your research. Be attentive to the issue of the study: it should be feasible, interesting, new (or questioning what exists or is already known), ethical and relevant (to knowledge and science)⁽⁴⁾. Recently authors identified that reviewers use three criteria to evaluate a paper submitted to publication: relevance, originality, and scientific validity. Also, the paper should be clear and well written⁽⁵⁾.

Ally yourself with a productive group that demands production e subsequent publication from its members. Invest in yourself: master the literature and English; have discipline as a daily goal; be organized and define a priority for all your duty assignments; be persistent, ambitious and curious, three desired qualities in every good researcher.

When writing a text, it is worth remembering that both form and content are important. It is impossible to pass on relevant and pertinent information if that is not well presented. Yet, an excellent presentation does not substitute for poorly planned experiments, questionable results or weak argumentation⁽⁶⁾.

In the second part of this editorial, you will find some important suggestions to improve your writing skills. The reading of the references that support this and the next editorial will bring more details about scientific writing. I recommend that you read them.

The reading of this edition's articles - which address many areas of knowledge such as child's, teenager's, woman's, adult's and elder's health, mental health and management - should also serve as an incentive for and a model of scientific writing appropriate to the studied theme.

REFERENCES

- 1 Valenti WC. Cientistas também precisam ter estilo. J Cons Reg Biol. 1998;49:7.
- 2 Van Way III CW. Writing a scientific paper. Nutr Clin Pract. 2007;22(6):636-40.
- 3 Michael Faraday [Internet]. [S.l.]: Wikipedia; 2010 [citado 2010 set 06]. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Michael_Faraday.
- 4 Huley S, Cummings S. Delineando a pesquisa clínica. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2008.
- 5 Davidson AJ, Carlin JB. What a reviewer wants. Paediatr Anaesth. 2008;18(12):1149-56.
- 6 Abrahamsohn PA. Redação científica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2004.

^a Adjunct Professor of the Nursing School and the Graduate Programs at Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Nursing School and Cardiovascular Sciences: Section of Cardiology at College of Medicine). Coordinator of the Cardiac Insufficiency Clinic of Hospital de Clínicas of Porto Alegre.